

O POETA COMO HISTORIADOR NATURAL: RODRIGO PETRONIO E VICENTE FERREIRA DA SILVA

Nelson Shuchmacher Endebo (PPGCOM/Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
nendebo@gmail.com

Resumo: Esse artigo apresenta uma interpretação da idéia de poesia como história natural, tal como ela aparece na obra poética de Rodrigo Petronio, localizando um fio que conecta sua poética ao conceito de Mito desenvolvido no trabalho de Vicente Ferreira da Silva. Ao longo do texto, o argumento esboça uma noção de poética que excede o domínio da literatura e, de fato, da cultura, tal como estes termos são convencionalmente entendidos.

Abstract: This article presents an interpretation of the idea of poetry as natural history as it appears in the poetical work of Rodrigo Petronio, finding a common thread linking his poetics to the concept of Myth developed in the work of Vicente Ferreira da Silva. In the course of the article, the argument sketches a sense of poetics that exceeds the domain of literature and, indeed, of culture, in the way it is conventionally understood.

Palavras-chave: história natural, poética, mito, poesia contemporânea

No espanto rotineiro do *Zibaldone di pensieri*, Giacomo Leopardi escreveu as extraordinárias palavras que emoldurarão a discussão subsequente:

História natural. É curioso observar quão pequenas, divergentes e distantes são as causas que determinam os costumes e idéias mais estáveis, e universais, dos homens. A assim chamada história natural é uma verdadeira ciência, dado que ela define, distingue em classes, dispõe de princípios e resultados. Se tivéssemos que chamá-la de história porque ela narra as propriedades dos animais, das plantas, etc., o mesmo nome haveríamos de dar à química, à física, à astronomia e todas as outras ciências não-abstratas. Todas essas ciências narram, isto é, ensinam o que se aprende pela observação, que é seu assunto, assim como no caso da história natural. [...] Além do mais, a palavra história, segundo sua acepção comum, significa a narrativa [*racconto*] daqueles eventos que sucedem-se uns aos outros, e não daqueles que ocorrem sempre de um certo modo. Tal narrativa compete às ciências; é um ensinamento. E tal é a narrativa que a história natural prevê. Porque então se dá a essa ciência o nome de história? (LEOPARDI, 1997. p. 866, tradução nossa)

O poeta prontamente providencia uma resposta: o substantivo grego para *história* deriva de *istor*, “um douto”, a qual descende, por sua vez, do verbo *isémi*, que sugere conhecimento, informação ou dados, e que foi frequentemente traduzido do latim como *scio*, “conhecer”. Ele então elenca títulos de livros científicos da Antiguidade, como a *História das Plantas*, de Teofrasto, um tratado de fitologia, e a *História dos animais*, de Aristóteles, um tratado de zoologia, memoravelmente concluindo que, *em certo sentido*, “história equivale à filosofia”. Essa resposta, típica do erudito Leopardi, um homem inusualmente afeito à história natural das palavras

registrada nos dicionários e tratados filológicos, se desenrola em uma série de perplexidades, e termina com um enunciado insatisfeito:

Mas nós, que atribuímos um sentido completamente diverso à palavra história, precisaríamos traduzí-la, ainda mais em se tratando de uma ciência; ademais, se nas ciências todos os termos devem ser precisos e não dar margem para equívocos, que diremos do próprio nome da ciência? Não obstante, adotamo-lo assim como está; e o efeito dessa causa díspare é que o nome dessa ciência, que universalmente sempre esteve e para sempre estará fixo e inseparável dela, produz em todos uma idéia ambígua, que confunde a noção de história com a de ciência; que dá àqueles que a cultivam e estudam o nome de historiadores da natureza, alcunha que jamais pensou-se dar a Lavoisier e Volta, assim como nunca cogitou-se chamar Cassini ou Galileu de historiadores das estrelas ou do céu. Uma idéia confusa e imprecisa [...] (LEOPARDI, 1997. P. 866, tradução nossa)

Essa imprecisa e confusa noção de história natural é o tema de fundo a ser tratado: como pode o reino das leis imutáveis da natureza ser assim entrelaçado com a cadeia irrepitível dos eventos históricos? Mais enfaticamente, o assunto é a obra de Rodrigo Petronio, um corpo poético relativamente pequeno que, não obstante, inspira *insights* consideráveis sobre os problemas levantados por Leopardi. O volume de versos inaugural de Petronio chama-se *História Natural* (2000), e as duas coleções que o sucederam, *Pedra de Luz* (2005) e *Venho de um País Selvagem* (2009), poderiam muito bem se chamar *História Natural 2* e *3*. Que essa observação não engane o leitor, levando-o a crer que o poeta seja monotemático, e seu espectro técnico, estreito; seus temas são vários, bem como as formas que emprega¹. Entre as conquistas mais animadoras de Petronio como poeta está, todavia, o modo como ele funda uma poética adequada, isto é dizer, comensurável, às demandas de uma *história natural*, precisamente porque vê a implicação onde Leopardi detectara a complicação. Ao passo que Leopardi vira as ciências não-abstratas como narrativas de coisas que acontecem “sempre do mesmo modo”, e a história como o relato de acontecimentos sucessivos, postulando assim a incompatibilidade de um com o outro, Petronio apresenta a poesia como a narrativa de eventos que, sucedendo-se irrecuperavelmente uns aos outros, explicitam o pulso das coisas eternas. Em um poema de *Pedra de Luz* ele escreve:

Atrás de muitas máscaras hei de expirar ainda:
Diverso de mim mesmo, no espelho desse lago,
Sempre idêntico a mim mesmo
Na eternidade do instante que declina.
 (“Máscara Mortuária de Akenaton”, 2005, p.59)

A fim de escapar da penúria da mera história, o poeta repousou a contradição de uma identidade que afirma a si mesma na diferença. Petronio procede em um movimento dialético, que eu

¹ Como mostra exemplarmente DIRIENZO (2010).

tentarei expor com certo grau de detalhe nas próximas páginas. Tenhamos em mente o ensinamento de Walt Whitman e, depois dele, de Fernando Pessoa, de que o poeta é uma multidão. Para Petronio, o poeta é a coleção das máscaras que veste, uma inconvertível na outra; cada máscara, contudo, ao afirmar-se em sua individualidade irreduzível, afirma simultaneamente as outras, asserindo portanto o mesmo poeta. O poeta encontra sua essência na sucessão de suas máscaras. Uma vez que cada poema é uma ordem fabricada, possui sua própria consistência interna e *gravitas*; sua própria energia sintática e semântica; sua própria lógica temporal e afetos impessoais. Sobretudo, o poema tem, na autonomia relativa que desempenha quanto ao poeta e suas demais produções, o *status* não de um mundo transcendente e auto-suficiente, mas o de um imanente mundo “paralelo”, plenamente compatível e condizente com a armadura da Realidade, mesmo nas negações que o poema porventura possa afetar em seus mais altos vôos de inventividade. A história do poeta não passa de um capítulo na história natural da poesia. Pois a poesia, como sugeriremos, não é apenas o artesanato de versos, mas uma potência positiva do Real.

Poder-se-ia afirmar que a poética de Petronio deve menos à teoria literária, convencionalmente concebida, do que à antropologia especulativa. Isto é dizer: a força que anima sua poesia é uma certa energia impessoal que se manifesta no poema e, de fato, posiciona as bases de qualquer personalidade, ou subjetividade, que o poeta tem, ou que ele afeta em sua obra. A multiplicidade de vozes do poeta não se origina em um “eu fragmentado”. O indivíduo, o eu e a personalidade são congregados por tal positividade; eles são nodos em uma cadeia anônima, atravessada pelo entrelaçamento originário da necessidade e da liberdade, para ficarmos com a imagem do tecelão que Melville emprega no capítulo XLVII de *Moby Dick*. Mas o homem não é um tecelão:

Estar a sós consigo é estar em toda parte.
e nós em vão chamamos de indivíduo àquela
triste artimanha dos sentidos que se parte
e se mescla a tudo que a nosso ser se atrela.
 (“História do Futuro”, 2005. p.133)

Essa quadra é ilustrativa pois característica. O indivíduo tem uma história porque há mediação (aí, dos sentidos); há de fato uma corrente incalculável de mediações, entre ele e o mundo, as quais aderem a seu “ser”; ainda assim o indivíduo permanece uma ilusão. Ele não constitui um princípio auto-suficiente, sendo apenas outro ponto arbitrário em ainda outra corrente de mediações que não começa, nem termina, com ele. A verdadeira história do mundo seria a

história de todas essas mediações; mas, estando nós confinados à história como processo real, toda e qualquer tentativa de totalizá-las seria pouco mais do que apenas outro momento na infinda corrente de mediações. A poesia, para Petronio, aponta para a abertura constitutiva da totalidade, o elemento que dilui os pólos da contingência (natureza) e liberdade (história), que tanto atraíram a atenção de Leopardi. Daí que “estar a sós consigo é estar em toda parte”, pois o próprio ato de poetizar acusa a mediação da potência impessoal da poesia, a fonte daquela individualidade e não a mera extensão de sua agência auto-determinante. A criatividade do poeta seria, portanto, derivada².

Poder-se-ia contender que a poética de Petronio, na medida em que propõe a poesia como potência transcendente do poeta e de cada uma de suas instanciações discretas (os poemas), é idealista. Ora, é precisamente porque a poesia é tal potência que ela não é idealista no sentido platônico, tampouco no sentido romântico. O poema não é uma Forma perfeita em si, “aguardando” manifestação fenomenal pelas mãos do artesão, o mero canal de sua perfeição. Pois a totalidade do real é aberta, e assim tão somente o fundamento dessa abertura (Deus?) é positivo em qualquer sentido não-derivativo – uma idéia encarnada no “país selvagem” de Petronio. Tampouco é o poema produto de um sujeito transcendental capaz de construir tal totalidade a partir de uma síntese de razão e natureza, pelos mesmos motivos. Petronio encontra a poesia como potência transumana. As configurações possíveis do homem estão de alguma maneira refletidas na positividade da poesia; o homem não sabe quem ou o que ele é. É por isso que a poesia, na obra de Petronio, não é realmente um termo literário. Se ele a descobre mediante e ao longo da escrita permanece uma questão em aberto. Porções impactantes de seu trabalho parecem ter sido preparadas à luz dessa descoberta, como atestam o poema que enceta *Venho de um país selvagem*, e o longo “Dentro da Estrela Branca”, do mesmo volume. Nesses poemas Petronio arrisca-se a apresentar o homem destituído de sua estável humanidade, como um ser permeado por esse poder transumano que exerce a si mesmo sobre sua história, incluindo sua história biológica e cognitiva, mas que permanece, ele mesmo, meta-histórico. Com isso não se pretende dizer que o poeta é partidário do decesso da humanidade enquanto valor operativo; o tom de sua poesia é mais perplexo do que celebratório:

Mas – penso – se o tempo

² Essa é uma questão delicada, contudo, e provavelmente insolúvel. Ver o magistral estudo de BLUMENBERG (1981), onde o filósofo alemão analisa o desenvolvimento histórico-conceptual das idéias de criatividade humana como derivativa ou original desde os gregos.

é uma figuração da eternidade,
o que faz esse pobre gado
a tomar as circunstâncias por eventos,
e a se fixar na História
como quem nela se acha ilhado?
("Palimpsestos", 2000. p. 27)

O eixo da obra de Petronio é menos a história do que o “pobre gado”, naufragado na ilha da história: o Homem. A distinção que o poema traça entre circunstância e evento é crucial para a aproximação à história natural que aqui se ensaia: o homem é o ser que está sempre em processo de tornar-se ele mesmo, através dos “eventos” epocais de sua vida – suas circunstâncias. Mas os *eventos* não são históricos; eles dão forma à história e arranjam os conjuntos possíveis de fatos, aquilo que R. P. Blackmur lindamente chamou de “realidade disponível”, a qual constitui o horizonte dos horizontes de todo o empenho humano. A história, como o processo real de eventos em sucessão, é uma articulação de sua fonte “natural”, perpétua, inesgotável. À medida em que expõe os encaixes dessa articulação, a poesia é uma forma de história natural: uma maneira de lidar com a dimensão *historiável* do Real cujo paciente, e não seu agente, é o ser histórico, o homem:

Trago em mim apenas a velha questão
ileza na ossatura de meus mitos
e inamovível em sua clara solução.
("Soneto Antigo", 2005. p. 160)

O tratamento que Petronio dá à poesia tem fortes afinidades com a filosofia do Mito de Vicente Ferreira da Silva, um dos mais fecundos intérpretes de Martin Heidegger. O poeta, devemos lembrar, teve o mérito de reintroduzir esse filósofo quase esquecido ao público lusófono. Isto não quer dizer que tais afinidades sejam estritamente genéticas, pois a noção de poética que buscamos explicitar aqui pode ser encontrada no trabalho de Petronio já em 2000, antes que o poeta pudesse ter absorvido e apreciado a obra de Vicente de maneira significativa. Em todo caso, a relação não é negligível, e deverá ser considerada em futuros estudos da obra de Petronio e da recepção da obra vicentina.

A fim de não sobrecarregar a discussão com citações profusas e uma recapitulação demasiado longa do trabalho do filósofo paulista, ofereceremos simplesmente um delineamento da concepção transumana do mito que encontramos na chamada fase aórgica do pensamento vicentino. Enquadrando seu pensamento no âmbito aberto pela *Carta sobre o Humanismo*, de Heidegger, na qual o filósofo de Meßkirch concebera o homem essencialmente como uma

abertura às ofertas do Ser, Vicente propõe uma visão do Mito como solo nutritivo das possibilidades humanas, o homem dado ao poder fascinante do não-feito-pelo-homem. O mito, segundo essa visão, positiva as possibilidades morfológicas da cultura e da hominização, e assume, portanto, o caráter de uma potência que, ao invés de deixar-se moldar por uma essência humana racional produtiva, molda-a e delimita-a em suas configurações epocais. O homem está sujeito ao poder fascinante do Mito; o Mito fundamenta os fenômenos que chamamos humanos. O *anthropos* clássico, a criatura racional do humanismo, como nós viemos a conhecê-la, seria tão somente um dos desenvolvimentos proporcionados pelo Mito ao longo dos milhares de anos de regimes de fascinações. Infelizmente Vicente faleceu prematuramente, aos 46 anos, e não pôde desenvolver essas idéias.

O que Petronio e Vicente certamente compartilham é o ímpeto de não mais assentar a atividade humana sobre um sujeito autônomo, naturalmente dotado de razão, cuja estrutura experiencial e cognoscente foi mapeada, investigada e dividida em categorias *a priori*; mas sim sobre potências transumanas e meta-históricas que arranjam as várias disposições pelas quais o homem veio eventualmente a ver a si mesmo como aquele sujeito autônomo por natureza. O homem é alteridade: sua essência é adventícia.

A poesia narra as figurações da eternidade como imagens perenes do tempo e seu reverso, a história: “O relógio transpira pela sala | crava em todos nós o seu reverso” (PETRONIO, 2009. p. 17). Para que “história” e “natural” sejam justapostos em um conceito, é preciso abdicar ou transfigurar ambos, como Leopardi havia vagamente intuído. Aqui a natureza significa *Realidade*; sendo a poesia uma potência de desvelamento do Real, ela invoca uma técnica de congregação de ontologias regionais em zonas temporárias de arregimentação, para formar uma imagem consumada da alteridade: o poema. O que quer que seja o homem, ele é essa alteridade: “Não conheço a minha carne | Toda eternidade me é contrária e só sou eu mesmo naquilo que | líquido” (PETRONIO, 2009. p. 15) A poesia é um domínio adequado para o relato dessa alteridade que é o homem. Intepretações culturalistas de poesia e poética são insuficientes na medida em que tendem a forçar ontologias específicas uma contra a outra, reduzindo uma aos termos da outra. Nos termos aqui propostos, a poesia é uma potência de desocultação de tais ontologias, as quais são por si só incapazes, por sua vez, de dar conta do mistério do fato poético. Eis porque devemos evitar o termo “natureza” aqui, a fim de evitar malentendidos

substancialistas. Esqueçamos os poemas singelos de Fracis Ponge sobre as conchas marinhas, ou os versos empáticos de Jules Renard sobre caramujos de jardim. Não falamos dessa natureza. Em última instância, o que a poesia de Rodrigo Petronio invoca é a série de *relações do homem com o absoluto*. Isso não implica que o poeta seja um relativista-historicista no sentido vulgar do termo, pois tais relações se dão como eventos de uma *meta-história*. E aí está o paradoxo e a dificuldade do termo *história natural*: tais relações são, elas mesmas, absolutas, e assim não logram ser relativizadas. É apenas nesse sentido que poder-se-ia classificar a poesia de Petronio como religiosa.

A terceira e mais recente coleção de Petronio, *Venho de um país selvagem*, nos parece ser a melhor porta de entrada para sua poética. Nela tem-se a impressão de que a multidão de máscaras que habitam *Pedra de Luz* e, em menor grau, o livro de estréia, se reúnem para formar uma visão estática contínua. Nisso ela realiza uma das formulações mais engenhosas de *História Natural*:

Esse que muda a cada
momento,
e no entanto é sempre presente.
esse que me sendo
quer que eu seja
areia, pó, fuligem.
Esse que me sendo
quer que eu seja
nada.
(“Negativo”, 2000. p.30)

Os poemas da coleção conciliam os poemas a uma mesma voz auto-exilada, o mesmo “eu”. Mas ao empregar a palavra “eu”, devemos ter cautela. Intencionamos nem uma *Innerlichkeit* romântica como refúgio da fragmentação moderna do eu, tampouco uma desconfiança expressionista quanto às representações públicas da realidade. A voz é tão objetiva quanto se queira: uma invocação do Outro, esse poder de fascinação para o qual o homem, formalmente uma abertura para a alteridade, é atraído. O homem é constituído em seus encontros como o Outro. Recordemos de H. D., aquela esquecida conjuradora do Outro:

No poetic fantasy
but a biological reality,

A fact: I am an entity
like bird, insect, plant
or sea-plant cell;

I live; I am alive;

take care, do not know me,
deny me, do not recognise me,

shun me; *for this reality*
is infectious – ecstasy

(“The Flowering of the Rod”, H. D. 1998. p.9, *grifos nossos*)

Essa realidade infectuosa é o Outro. O *país selvagem* de Petronio é “onde” acontecem as figurações e encontros com o Outro³. Ele não situa o cosmos em relação à posição do homem, mas sim *situa o homem no cosmos*; é o seu pólo de orientação e é, como sugere H. D., “um fato”. Esse país não é um país. Como tal, “selvagem” não quer dizer “primitivo” na acepção de um Lévy-Bruhl ou de uma mente impregnada de historicismo fatalista; o termo denota algo inteiramente diverso. Selvagem é aquele antiquíssimo poder de fascinação não-domesticável, que concede tudo aquilo que dura, como o *Gewähren* de Heidegger: a fonte dos fenômenos, cujas instanciações estão na cultura, como aquilo que a fundamenta mas resiste consumir-se nela. Ao revelar-se ao outro, a fonte oculta a si própria: “E quando te ocultas, me revelas” (PETRONIO, 2009. p.38). Nesse país, os deuses e as coisas assumem “não a configuração da personalidade fechada e idêntica em si mesma, podendo manifestar-se como vida fluida e difusa que assume diversas formas e aspectos”; de modo que “Deus não é uma coisa, algo de indicável simplesmente, mas sim a série de suas hierofanias, que abrange o amplo espaço de sua fascinação”, na brilhante formulação de Vicente Ferreira da Silva (2010c, p. 106).

Em conclusão, retomemos um ponto previamente levantado, de que o “pobre gado”, na poesia de Petronio, não tem essência. Constitui-se em seus encontros com o Outro, mediante regimes de fascinação do Absoluto (o *Fascinator* de Vicente), pelos quais o mundo se oferece a nós em sua *inescrutabilidade*, o fundamento inverificável de todas as coisas que Schelling outrora batizara de *unvordenklich* [o não-pré-pensável]. Qualquer conhecimento que o homem tenha está separado, por um abismo, dos fundamentos de sua própria inteligibilidade. O autêntico meio do conhecido é o desconhecido; a história natural registra essa relação, e assim o faz a poesia de Petronio. Não por acaso uma das epígrafes do livro é de Georg Trakl: “Eternamente

³ Essa idéia tem afinidades não apenas com a noção vicentina de Mito, como também com o conceito de *mundus imaginalis* desenvolvido por Henry Corbin. Não por acaso, o poeta californiano Robert Duncan engaja a obra de Corbin no longo estudo que dedica à obra de H. D., cuja poesia guarda pontos de contato com a obra de Petronio, e que merecem investigação. Ver DUNCAN (2013). Corbin é central também para o argumento do livro de Paul Colilli, *The Angel's Corpse*, uma obra inclassificável que engaja o conceito de meta-história com a teoria da literatura.

ressoa | nos muros negros o vento solitário de Deus”. Eis uma imagem apta do homem: um vento solitário soprado pela boca do Absoluto.

A poesia não nos completa. (PETRONIO, 2009. p.38)

O poema encontra paz sem o poeta. (PETRONIO, 2009. p.39)

Referências bibliográficas:

BLUMENBERG, Hans (1981). “Nachahmung der Natur? – Zur Vorgeschichte der Idee des schöpferischen Menschen”. In.: *Wirklichkeiten in denen wir leben*. Stuttgart: Reclam. P. 55-103

DIRIENZO, Mário (2010). “Da estranha história natural ao estrangeiro país do homem”. In.: *Desenredos 5* em http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/05_ensaio_-_petronio_-_mario_dirienzo.pdf (Acessado em 15 de junho de 2015).

DUNCAN, Robert (2013). *The H. D. Book*. Berkeley: University of California Press.

FERREIRA DA SILVA, Vicente (2010a). *Obras Completas, vol. I: Lógica Simbólica*. Ed. Rodrigo Petronio. São Paulo: É Realizações.

----- (2010b). *Obras Completas, vol. II: Dialética das Consciências*. Ed. Rodrigo Petronio. São Paulo: É Realizações.

----- (2010c). *Obras Completas, vol. III: Transcendência do Mundo*. Ed. Rodrigo Petronio. São Paulo: É Realizações.

H. D. (Hilda Doolittle) (1998). *Trilogy*. New York: New Directions.

LEOPARDI, Giacomo (1997). *Zibaldone*. Roma: Newton & Compton.

PETRONIO, Rodrigo (2000). *História Natural*. São Paulo: Gargântua

----- (2005). *Pedra de Luz*. São Paulo: Girafa

----- (2009). *Venho de um país selvagem*. Rio de Janeiro: Topbooks